

MOVIMENTO HIP HOP EM TERESINA: O RAP E O BREAK EXPRESSÕES CULTURAIS JUVENIS

Daniella Oliveira Silva (Bolsista PIBIC/UFPI)¹

E-mail: dani.ol.sil@hotmail.com

Maria do Carmo Alves do Bomfim (Professora Orientadora)²

E-mail: carmicita@ig.com.br

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa realizada em Teresina-PI, desenvolvida entre julho de 2010 a agosto de 2011, buscando conhecer as várias nuances produzidas pelo Movimento *Hip Hop*, que é constituído por quatro elementos culturais: o *Rap* (música), o *Break* (dança), o *Grafite* (artes plásticas) e o *DJ* (som). A música *Rap* e a dança *Break*, não diferentes das outras vertentes, representam formas de expressões e manifestações juvenis, próprias de uma cultura gestada nos territórios em estudo. Tais configurações apresentam-se como possibilidades para aprofundamentos da reflexão sobre os conhecimentos produzidos pelas e sobre as juventudes, bem como as suas atuações no cotidiano periférico, em particular aquele produzido na zona sul de Teresina. A equipe pesquisadora em colaboração com grupos juvenis, dois de *Rap* e um de *Break*, conseguiu mapear 14 grupos que praticam o Movimento *Hip Hop* em Teresina. Dentre esses foram selecionados três deles, respectivamente, assim definidos e situados: grupo “A Irmandade”, atuando na vila Bom Jesus e bairro Areias, zona sul da cidade de Teresina, grupo “Relatos Periféricos”, que desenvolve atividades no bairro Vila Operária, zona norte da cidade e o grupo de *Break* “Afro Soul”, que realiza seus treinos numa escola pública da rede estadual de ensino no bairro Promorar, zona sul da mesma cidade. O estudo realizado centrou-se nas práticas e fazeres cotidianos de jovens integrantes das práticas *Rap* e *Break*, cujos protagonistas em sua maioria, são homens, pobres e negros inseridos em contextos de vulnerabilidade social. Os aportes teóricos alicerçaram-se nas contribuições de Diógenes (1998), Oliveira e Sgarbi (2002), Sposito (2003) Melucci (2005), Dayrell (2005), Bomfim (2006), Castro e Abramovay (2009), Adad (2011), dentre outros. Na dimensão metodológica foram utilizadas como ferramentas de pesquisa a entrevista semi-estruturada, a observação e o diário de campo, que se configuraram como elementos importantes para o conhecimento das produções musicais e movimentos corporais juvenis praticados pelos atores sociais que interagem entre si e com as pesquisadoras, todos ressignificando sentimentos, emoções, valores, práticas e saberes. De todo o processo da pesquisa foi possível delinear uma estreita aproximação acerca das práticas juvenis e seus saberes. O *Rap* enquanto narrativa da vida cotidiana periférica e o *Break*, enquanto dança carregada de estilos e regras próprias, expressando habilidades criativas e ressignificadas, portanto, elementos culturais juvenis. As músicas e danças praticadas são substanciadas por letras e danças inusitadas, que revelam as múltiplas vertentes e realidades dos jovens. Narrativas e gestos que elevam a autoestima dos seus integrantes que lhes possibilitam visibilidade social e reconhecimento no seu meio social como produtores de culturas e sentidos, que são fontes de protestos, denúncias, desejos e potencialidades.

Palavras-chave: Práticas Juvenis. Sentidos. Culturas.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECEI.

² Doutora em História e Filosofia da Educação. Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECEI.

Introdução

Teresina, capital do Piauí, em 2012, possui uma população de 822.363 habitantes e deste total 1/3 constitui a população jovem³, ou seja, uma soma de 274.121 jovens. Grande parte deles, em especial aqueles que habitam na periferia dessa capital, vive em condições de extrema pobreza, sendo que na maioria das vilas e bairros onde habitam há pouca ou mesmo quase inexistência de equipamentos urbanos. Onde existe algum atendimento este é precário, portanto insuficiente e insatisfatório para a população de cada conglomerado: bairros e vilas.

De todas essas carências, resultam graves problemas: conflitos familiares impedindo ou dificultando os diálogos em família, analfabetismo, altos índices de analfabetismo funcional, altos índices de violência, gravidez na adolescência, exploração sexual de menores de 15 anos e jovens entre esta idade e 29 anos, crianças e jovens evadidos da escola ou sem acesso a ela, moças e rapazes convivendo com práticas de prostituição, frequentando “pontos” no centro da cidade e submetendo os seus próprios corpos à venda como mercadoria nos cruzamentos de grandes avenidas, em algumas praças e em postos de gasolina.

Junta-se a estes problemas, grande número de casos de violência nos contextos dos bairros e vilas, sendo envolvidas, como autoras ou vítimas, especialmente pessoas jovens no espaço escolar ou no seu entorno. Muitos desses/as jovens integram gangues que disputam o poder de controle dos territórios onde moram e atuam ou entram em brigas com parte daqueles que não aderem às suas práticas e que para eles constituem em ameaças. Tais situações, na maioria dos casos, decorrem do uso excessivo de drogas, de conflitos pessoais e familiares que, por não serem trabalhados com o apoio de políticas públicas nem por profissionais especializados, se multiplicam e se transformam em práticas violentas em Vilas e bairros, sendo um exemplo a Vila Bandeirante, situada na zona sudeste de Teresina, onde atualmente existem 46 pontos de uso e venda de drogas, vulgarmente considerados “bocas de fumo”⁴, retratando o que Britto (1968) expressa, recorrendo ao pensamento de Lapassade: “Um pouco, em toda parte neste (*sic*) mundo, uma minoria de jovens, reunidos em grupos ‘informais’, vive à margem, desenvolve condutas agressivas, chama a atenção do público e dos observadores por meios que estão fora da ordem estabelecida”

³ Dados da Prefeitura Municipal de Teresina.

⁴ Depoimento do Presidente da Associação de Moradores da Vila Bandeirante, no Seminário “Olhares sobre a Juventude. Juventude e Desenvolvimento Sustentável”, realizado no auditório do Edifício Paulo VI nos dias 25 e 26/05 do corrente ano.

Nesse contexto, contraditoriamente, segmentos das populações jovens e adultas, prosseguindo a experiência de luta pela redemocratização do nosso país, de modo enfático o segmento juvenil organiza e atua em múltiplas agregações, quais sejam: a Pastoral da Juventude, os Centros de Formação de Jovens – Caju, Instituto Avante - o Movimento *HIP HOP*, a União da Juventude Socialista (UJS), o Movimento pela Paz na Periferia (MP3), Instituto Ghandi, Grupo Raça, Mandacaru, Obra Kolping, Movimento de Meninos e Meninas de Rua, Rede Jovens do Piauí dentre outros.

Diversidades estas, cheias de potencialidades organizativas, criativas e produtoras de ações solidárias configuradas em desenvolvimento sustentável, atividades artísticas (música, dança, grafite, artes plásticas, capoeira etc), que resultam num capital cultural traduzido em culturas juvenis que expressam diversas formas de construção de identidades jovens, em busca de reconhecimento, visibilidade social, bem como organizando “redes sociais” com uso de equipamentos e linguagens eletrônicas, exercitando lutas em prol da Cidadania e de respeito aos Direitos Humanos (DELORS, 2012).

Enfim, muitos jovens já não admitem mais a concepção de moratória como tempo de espera para a vida adulta, mas a de se fazerem protagonistas de suas próprias histórias, sem a tutela de outras pessoas. Por meio de práticas e fazeres cotidianos, jovens em sua maioria pobres, afrodescendentes e moradores de regiões consideradas geograficamente periféricas, se autoconstróem como fabricantes de cenários urbanos, resistindo e combatendo a exclusão social ao seu modo, carregando marcas corporais, como bem nos alerta Dayrell: “Jovens que vivenciam formas frágeis e insuficientes de inclusão social” (DAYRELL, 2005, p.24), mas, contraditoriamente, se transformam em protagonistas de processos de resistências e lutas contra as exclusões que vivenciam em seu cotidiano. As práticas de resistências são expressas através da música, da dança e de outras artes cultivando uma sensibilidade de justiça, ao denunciarem e protestarem contra situações de vulnerabilidade (exclusão social, preconceitos, racismos e indiferenças), para anunciar outros futuros. Jovens de muitas práticas culturais que fortalecem formas alternativas transformadoras de ser jovem no mundo contemporâneo. Assim, Oliveira e Sgarbi traduzem muito bem esta perspectiva

Muitos de nossos protagonistas não são representantes daqueles grupos sociais que estamos acostumados a ver habitar o centro dos discursos acadêmicos ou da vida cultural valorizada socialmente. E é por este motivo que eles estão aqui, para serem lidos e vistos como produtores de saberes, de fazeres e de práticas culturais significativas e relevantes, tanto para a sociedade brasileira quanto para o entendimento dela. (OLIVEIRA E SGARBI, 2002, p. 17).

Jovens que, em sua maioria, não possuem aprendizados escolarizados, em decorrência de inúmeros fatores: necessidade de ajudar na renda familiar, inserção precoce no mundo do trabalho e constituição de família própria, falta de recursos financeiros, dentre outros. Em contrapartida, encontramos nos becos das favelas, nas relações que os jovens compartilham entre si e no próprio cenário urbano, ações carregadas de sentidos, significados, que desembocam em aprendizagens e novas formas de existir.

O Movimento *Hip Hop* é um exemplo nítido de manifestação e cultura juvenil. Através dos estilos, das danças e músicas e, também, do grafite, os jovens se constituem em protagonistas de suas realidades e buscam difundir a sua cultura preñe de denúncias, protestos e demonstração de uma juventude submetida a vivências periféricas em condições vulneráveis. Entretanto, tais experiências se constituem, também, em fonte de socialização e saberes juvenis, caracterizados pelo estilo, territorialização e “marcas”⁵ específicas que definem as identidades juvenis, criação de letras, danças e desenhos inusitados refletindo o cotidiano dos espaços onde habitam, fabricação de cartazes divulgando os eventos por eles organizados e a execução de projetos que visam maior integração comunitária. Tudo isso requer planejamento, sistematização e tempo específico, porque, como ações educativas formam mentes e corpos que se movimentam ao construírem sua própria existência.

Para compreender os contextos, as composições dos grupos, as ações e os significados das práticas de cada grupo pesquisado, nos aproximamos dos seguintes aportes teóricos: Britto (1968), Diógenes (1998), Oliveira e Sgarbi (2002), Dayrell (2005), Sousa (2011). Sobre as práticas juvenis selecionadas, o presente estudo busca a consecução dos seguintes objetivos: a) analisar e apresentar as produções musicais estilo *Rap*, destacando seus saberes, destinatários e principais mensagens, que são fontes de protestos, denúncias e expressão de desejos, potencialidades e práticas; b) apresentar a prática juvenil *Break* por meio da análise das batalhas praticadas entre as *Crews*, entendidas como espaços permeados por saberes e significados. Nos dois objetivos, está presente a ideia de *Rap* e *Break*, como práticas educativas, permeadas por sentidos, ressignificações históricas e finalidades que caracterizam os contextos juvenis.

⁵ De roupas: calças, camisas e outros.

1. O Movimento *Hip Hop* em Teresina: origens e situação atual⁶

O movimento *Hip Hop* surgiu no final da década de 1960 como um movimento de jovens negros e hispano-americanos dos guetos pobres do Bronx, nos arredores de Nova Iorque - EUA. Por meio de manifestações artísticas, o movimento representou uma saída para expressão e identificação de uma juventude que vivenciava situações de exclusão econômica, educacional e racial. É composto de quatro elementos: o *rap* (música), o *break* (dança), o *grafite* (artes plásticas) e o *DJ* (som). No Brasil, esse movimento chegou no início da década de 1980 em São Paulo, por intermédio dos dançarinos de *break*, sendo posteriormente divulgado nos bailes e nas lojas específicas de música negra. As ruas e as praças dos grandes centros urbanos tornaram-se espaços para a socialização dessa manifestação cultural juvenil.

O surgimento do *Hip Hop* em Teresina tem início na década de 1990. Neste período, este ainda não se constituía como movimento organizado, eram apenas jovens que se encontravam para conversar, trocar ideias, debater problemas, tanto pessoais quanto da esfera pública. Geralmente moravam próximos uns dos outros e se encontravam nas esquinas perto de suas casas. Na continuidade dessas aproximações, encontraram uma casa que passaram a chamá-la de “Black House”. Era um espaço abandonado na esquina da Rua Quintino Bocaiúva com a Rua Amazonas, nas proximidades do Clube do Marquês de Paranaguá. Esta casa tornou-se o primeiro centro de organização do movimento *Hip Hop* teresinense, onde os/as jovens se encontravam para conversar, ouvir músicas, ensaiar passos de dança e, a partir desses encontros, começaram a cultivar a ideia de organização de grupos desse movimento no Piauí. Black House acolhia de forma muito positiva os dançarinos da periferia da cidade de Teresina e começou daí transformou-se em sede dos bailes para onde se deslocavam jovens de diferentes bairros da capital piauiense, em maior número do bairro Marquês e adjacências.

Os grupos constituíam um espaço de socialização e autonomia, pois neles os/as jovens se divertiam, construía amizades, decidiam o que e como deviam realizar suas ações, enfim, mais que um simples espaço de estar juntos, passaram a ser uma condição “*sine qua non*” para expressarem seus desejos, seus sonhos e experimentarem práticas políticas e cidadãs. Assim, o estilo cultural *Hip Hop* tornou-se um espaço de construção de saberes, convivência e

⁶ A construção deste tópico do trabalho teve por base o texto da Professora Lila C. X. Luz, da Universidade Federal do Piauí, intitulado: Grupos Juvenis em Teresina e a Organização do *Hip Hop*, ano 2006 e contou também com a colaboração de Adriana Loiola do Nascimento, integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) da Universidade Federal do Piauí-UFPI e graduanda pesquisadora nas temáticas: Juventudes, Movimento *Hip Hop* e Relações de Gênero.

afirmação positiva das identidades juvenis. Mais ainda, essas agregações possibilitam a elevação da autoestima, confiança em si e nos outros, responsabilidade e visibilidade pública.

Nesse processo organizativo, ainda na década de 1990, o Movimento *Hip Hop* teresinense, começou a receber influências dos meios de comunicação, que passaram a exibir conteúdos de lazer, clips que exibiam novas performances de dança. De início os/as jovens centravam a dança ao aspecto do lazer, preocupando-se pouco com as ideias mais amplas do movimento, a exemplo das questões sociais e políticas, a denúncia do processo de exclusão dos jovens e a busca pela visibilidade dos guetos. Assim, os primeiros grupos de *Break*, ainda sem uma postura crítica frente aos contextos em que se inseriam, limitavam suas participações aos bailes e encontros, imitando o que vinha de São Paulo, cultivando apenas o desejo de dançar, contudo, posteriormente, desencadeando outras práticas como as batalhas.

O *Rap* teria surgido para complementar a dança, através de letras provocantes e ritmos para melhorar as coreografias. Com as trilhas sonoras proporcionadas pela música *Rap*, os jovens passaram a suscitar passos cada vez mais inusitados e, conseqüentemente, acirraram-se ainda mais as competições entre os grupos nos bailes, regidas pelo desejo de ganhar, suscitando a prática de premiações, animadas pela ação dos *DJs*.

A partir de 1992, o movimento *Hip Hop* teresinense começou a receber influência de bandas nacionais, a exemplo dos “Racionais”. Com o desenvolvimento das práticas de dança e a consciência que vão construindo, os/as jovens teresinenses passaram a vincular as letras das músicas à realidade que vivenciavam. Começaram, a partir daí, a despertar para o conceito de sujeitos e excluídos, tendo na música um elemento de protesto e possibilidade de conquistar visibilidade pública, com ideias próprias do movimento *Hip Hop*.

Nesse período, chegou a Teresina o jovem Lamartine, membro da Entidade “Quilombo Urbano” da cidade de São Luís – capital do Estado do Maranhão, que contribuiu de forma expressiva para organização e consolidação do *Hip Hop* teresinense. Lamartine reunia os/as jovens para explicar a conjuntura e as ideias defendidas por esse movimento.

As atividades organizadas na capital piauiense passaram a receber influências também de membros do movimento *Hip Hop* de outros estados, em especial do Ceará. Uma das atividades desenvolvidas era a realização de rodas nas praças, o que culminou na organização dos primeiros festivais apoiados pelo MH²O do Ceará, resultando no aparecimento dos primeiros *b’boys*⁷.

⁷ Dançarinos de Break.

O movimento *Hip Hop* teresinense organizado, teria surgido no final de 1992, nos arredores dos bairros Mocambinho e Marquês. Através dos bailes, em que ocorriam as competições de dança, os jovens passaram a frequentar outras comunidades e novos grupos foram surgindo provocando a necessidade de criação de uma instituição que aglutinasse todos os grupos de *Raps* e de *Break* da cidade. Nasce então, a entidade Questão Ideológica (Q.I.), localizada no bairro Parque Piauí, zona sul da cidade de Teresina, transformando-se, assim, numa referência do Movimento *Hip Hop* piauiense.

2. Produção Musical do Grupo de Rap “A Irmandade”: uma análise inicial

O grupo “A Irmandade”, atua na vila Bom Jesus e bairro Areias, zona sul de Teresina. Já produziu várias músicas, porém neste trabalho será discutida apenas a produção musical “Criptonita”. Nela, constatamos que os sentimentos e expressões transmitidas pelos jovens são reflexos da realidade de exclusão que vivenciam cujos destinatários são, prioritariamente, os próprios jovens da comunidade do Movimento *Hip Hop*, que são seus pares, os jovens da comunidade e, indiretamente, a família como célula mais próxima deles, e a Deus, que por significar um ser em quem poderia esperar ajuda e ter esperança, passam a duvidar de sua divindade e do seu poder, diante de uma realidade tão cruel. A seguir a letra da música Criptonita e a análise a ela pertinente.

GRUPO “A IRMANDADE”

Música: Criptonita

- E aí Júnior?

- E aí maluco? Ta bacana. Vamo levando aí.

- A quebrada mudou. Eu tava até pensando aqui como a quebrada mudou. Os irmãozinhos tudo violento, os irmãozinhos tudo se matando. Você viu parceiro aquele cara que morreu ali ontem?

- Cara, fiquei sabendo bicho. Fiquei sabendo disso aí.

- Pois é irmão, pegou três tiros e o pior que era tudo amigo de infância.

- Pra você vê, né?

Realidade dói, como dói, tá vendo? / A pedra crescendo, o veneno cem por cento, / fuma e não consegue parar, lombra do capeta no ar. / Agonia vou atrás da grana, se não mostrar não vou curtir essa lombra. / Vou caminhando, já não mais o que eu faço, / essa droga me perturba, tá complicado. / Tô desesperado, noiado, esse é meu caso, / tô a fim de roubar e não encontrei nada, / se aparecer topo qualquer parada, / meu sangue tá fervendo, tô me sentindo estranho, sem fome, ilusão dominando, / tô de bico naquele maluco, vou passar o pano, / não tô mais nem aí pra quem tá me olhando, / já não sei mais o que eu faço, / parece que o mundo está se acabando, / a pedra está me matando. / ... / Já é sete horas, tô naquela, / tô ficando louco e não encontro essa pedra, / não tenho mais nada, acabei com tudo: filhos, família, até meu orgulho. / Ninguém não me conhece mais, / tô sozinho jogado pras cobras, / ninguém se preocupa comigo, / cadê meus pais nessas horas? Sofreram demais, foram embora. / Será que Deus existe mesmo? / Por que não olha pra mim? A situação eu tô vivendo? / Olhem pra mim, eu estou morrendo, / tô desesperado, é forte o arrependimento. / Tanta dor, é só lamento, / eu não agüento mais, / tire logo minha vida, / pedra me deixa em paz. / Meu corpo está apodrecendo, estou enfraquecendo, / não dá mais, eu estou descendo. / ... / O negócio é o seguinte, ó: eu não sei nem o que eu posso te falar, tá ligado? / Vários irmãos na quebrada, campana de cabeça erguida, ta ligado? / Você preferiu esse

outro mundo, / eu te falei desde o início que esse aí não era o caminho, / que isso ia trazer a desgraça pra quebrada, / você não quis acreditar, já era né? / Segura as conseqüências, as conseqüências, as conseqüências irmão. / A pedra mata (15 x), / a pedra mata, a pedra mata...

Visões presentes no Rap Criptonita: o dizem os jovens

A) Mudanças na “Quebrada”

“A quebrada mudou. Eu tava até pensando aqui como a quebrada mudou. Os irmãozinhos tudo violento, os irmãozinhos tudo se matando. Você viu, parceiro, aquele cara que morreu ali ontem?”

No início, observamos o sentimento de preocupação dos jovens *rappers*, que são seus na conjuntura atual do movimento *Hip Hop* e a situação do conjunto dos jovens da própria comunidade, os quais consomem quantidades excessivas de drogas. Desse modo, por meio de manifestações artísticas, em movimento buscam uma saída para a expressão e a identificação de uma juventude que vivencia situações de exclusão econômica, educacional, social, cultural, sobretudo na dimensão étnicorracial. Para os grupos de *Rap* no contexto da zona sul da cidade de Teresina, a música *Rap* surge como espaço de práticas de sociabilidades e amizades.

Ademais, hoje, algumas das agregações *Hiphopianas* se valem também de suas produções para confrontar-se com outros grupos, provocando e dinamizando, desafios do estilo que preconizam, mas ao mesmo tempo, chegando às vezes a parecer oposição, algo que, para alguns deles, não deveria acontecer, já que esse movimento, em sua essência, surgiu e continua buscando uma prática alternativa de expressão positiva dos jovens, tanto em prol de uma visibilidade ampla nos contextos onde vivem quanto do reconhecimento social de si próprios e de suas práticas. Observamos nessas duas dimensões uma das contradições vivenciadas, no momento, pelos grupos de *Rap* em Teresina, motivo pelo qual realizam encontros de formação pedagógica e político-cultural para debater e superar a decorrente fragmentação porque passa o movimento *Hip Hop* teresinense.

É este aspecto, que a letra acima aborda: as mudanças em relação ao real significado do Movimento *Hip Hop*: o que é o movimento *Hip Hop*? Para que serve? O que vamos cantar? Que atitudes devemos ter, enquanto integrantes do movimento?

Estes e outros questionamentos, ainda pouco aprofundados pelos jovens hiphopianos⁸ e alguns estudiosos, são fundamentais para a compreensão do real sentido e função desse

⁸ A expressão *Hiphopianos*, é usada no texto para designar os jovens praticantes das vertentes do Movimento *Hip Hop*.

Movimento na vida dos jovens na contemporaneidade e na ampliação e fortalecimento de suas práticas.

B) Violência e Morte entre os Irmãos

*“Os irmãozinhos tudo violento, os irmãozinhos tudo se matando. Você viu, parceiro, aquele cara que morreu ali ontem?
Cara, fiquei sabendo bicho. Fiquei sabendo disso aí.
Pois é irmão, pegou três tiros e o pior que era tudo amigo de infância.
Pra você vê, né?”*

Este trecho descreve a violência vivenciada pelos jovens *rappers* e outros, em suas comunidades. São confrontos de gangues, que sempre acabam em mortes. A violência entrou na rotina das favelas. Isto é perceptível no depoimento de um dos integrantes do grupo “A Irmandade”, quando questionado acerca de suas produções: “As letras são violentas, porque o que a gente vive é violência” (Dakarai, integrante desse grupo). Para entendermos esta questão, encontramos resposta em Diógenes (1998)

“Entre as gangues da periferia, diferentemente de outros modos de expressão da violência juvenil, representa uma tentativa de demarcação e expressão da existência de todos aqueles que se sentem banidos e exilados, seja das vantagens econômicas, seja dos valores de uma ordem social segmentada e excludente.” (DIÓGENES, 1998, p. 164).

A violência, em casos dessa natureza, traduz-se em forma de demarcação de territórios que são sinônimos de poder e destruição. Neste contexto, a música, se configura para os jovens como uma ferramenta de mediação de tais conflitos.

C) Sentimento de dor diante da realidade

*“Realidade dói, como dói tá vendo? / A pedra crescendo, o veneno cem por cento, / fuma e não consegue parar, lombra do capeta no ar.”
“[...] ninguém se preocupa comigo, / cadê meus pais nessas horas? Sofreram demais, foram embora. / Será que Deus existe mesmo? / Por que não olha pra mim? A situação eu tô vivendo? / Olhem pra mim, eu estou morrendo [...]”.*

No decorrer de toda a música, e em especial neste trecho, encontramos exclamações e questionamentos de lamento e dor frente à destruição provocada pelo uso de drogas. O aumento do consumo da pedra crack e a necessidade de manter o vício são conseqüências que afetam não apenas o jovem usuário da droga, mas também a comunidade na qual ele está inserido.

D) Dependência / Devastação frente ao consumo da Pedra Crack

“[...] fuma e não consegue parar, lombra do capeta no ar [...]”

“[...] Tô desesperado, noiado, esse é meu caso, [...]”

“[...] meu sangue tá fervendo, tô me sentindo estranho, sem fome, ilusão dominando [...]”

“[...] já não sei mais o que eu faço, / parece que o mundo está se acabando, / a pedra está me matando”.

“Já é sete horas, tô naquela, / tô ficando louco e não encontro essa pedra, / não tenho mais nada, acabei com tudo: filhos, família, até meu orgulho. / Ninguém não me conhece mais, / tô sozinho jogado pra cobras, [...]”

“[...] tô desesperado, é forte o arrependimento. / Tanta dor, é só lamento, / eu não agüento mais, / tire logo minha vida, / pedra me deixa em paz. / Meu corpo está apodrecendo, estou enfraquecendo, / não dá mais, eu estou descendo.

“A pedra mata”.

Neste trecho encontramos a dependência e o desespero e a autodestruição provocada pelo uso de drogas, em especial, a pedra crack, mais frequente nas favelas. O cenário da periferia, um retrato de exclusão, é um terreno fértil para a propagação de drogas mais baratas (como o crack), que possuem um poder de destruição devastador na vida de qualquer pessoa. O tráfico de drogas tem como alvo, prevalentemente, os jovens pobres, vítimas da “narcoeconomia”⁹ de um sistema excludente e perverso, que lhes nega todas as condições básicas de vida. Dependência que faz com que o jovem usuário não consiga mais viver sem o consumo da droga, que o leva a caminhos perigosos para sustentação do vício, como roubos e saques. Assim, ao encontrar-se com a criminalidade chega à conclusão de que para manter esse consumo vale tudo, inclusive matar ou morrer. O jovem acaba se distanciando da família, dos amigos e sua vida se resume ao consumo da droga que, pouco a pouco, vai lhe matando. Só que antes de matar ela vai destruindo o organismo do usuário e a sua personalidade, levando o jovem ao fundo do poço e só então ela o mata.

E) Desespero / Agonia

“[...] essa droga me perturba, tá complicado”.

“Tô desesperado, noiado, esse é meu caso [...]”

“[...] se aparecer topo qualquer parada [...]”

Esta é uma descrição do desespero e da agonia que é viver sob o vício da droga. O jovem usuário acaba por fazer qualquer “negócio” para obter a pedra crack.

⁹ Ver Augusto Caccia-Bava no seu texto intitulado Sobre as Políticas Públicas para os Jovens (2006, p. 62), que a define como uma “dimensão da reprodução do capital” [...], uma das fontes das iniquidades sociais do Brasil. Um tipo de economia ilícita que revela aspectos contraditórios relativos à segurança urbana atingindo os jovens no Brasil e em toda a América Latina.

F) Perda / Solidão / Abandono da Família

“[...] não tenho mais nada, acabei com tudo: filhos, família, até meu orgulho. / Ninguém não me conhece mais, / to sozinho jogado pra cobras, / ninguém se preocupa comigo, / cadê meus pais nessas horas? Sofreram demais, foram embora.”

O vício traz sofrimento e destruição. A família, depois do usuário, é a instância mais afetada pelo consumo das drogas. Muitos familiares não conseguem suportar a dor e acabam por abandonar o usuário (o/a filho/a, o pai ou outro/a dela integrante) deixando-o ainda mais sozinho e submisso a essa dependência.

G) Arrependimento / Negação da Existência de Deus

“Será que Deus existe mesmo? / Por que não olha pra mim? A situação eu tô vivendo? / Olhem pra mim, eu estou morrendo, / tô desesperado, é forte o arrependimento. / Tanta dor, é só lamento, / eu não agüento mais, / tire logo minha vida, / pedra me deixa em paz. / Meu corpo está apodrecendo, estou enfraquecendo, / não dá mais, eu estou descendo.”

O desespero e a dor são tão fortes, que o jovem usuário acaba por duvidar até da existência de Deus, chegando a desejar sua própria morte, por não suportar mais tanto sofrimento, arrependendo-se de ter entrado nesse mundo que vai destruindo lentamente a pessoa.

H) Mensagem de Alerta Contra o uso de Drogas

“O negócio é o seguinte, ó: eu não sei nem o que eu posso te falar, tá ligado? / Vários irmãos na quebrada, campana de cabeça erguida, tá ligado? / Você preferiu esse outro mundo, / eu te falei desde o início que esse aí não era o caminho, / que isso ia trazer a desgraça pra quebrada, / você não quis acreditar, já era né? / Segura as consequências, as consequências, as consequências irmão. / A pedra mata (15 x), / a pedra mata, a pedra mata..”

Esta é a principal mensagem que grupo “A Irmandade” anuncia através da música Criptonita. Enquanto expressa sentimento de fraternidade junto aos “manos”, faz um alerta quanto às consequências e desgraças que causadas pelo consumo da pedra crack, com defesa de uma vida sem o consumo da mesma entre os jovens.

3. Batalhas *Break*: a dança que vem das ruas

A dança *Break* é a segunda vertente mais praticada entre os jovens *hiphopianos*¹⁰, sendo antecedida apenas pela música *Rap*, e não diferente das outras vertentes representa uma

¹⁰ A expressão *Hiphopianas*, é usada no texto para designar a prática das vertentes do Movimento *Hip Hop*.

forma de expressão e manifestação juvenil. As danças praticadas são substanciadas por passos provocantes e inusitados, que revelam a capacidade criadora destes jovens. Gestos que possuem significados e que elevam a autoestima dos grupos juvenis.

Dentro deste segmento de dança, existem as batalhas, que são as competições entre as Crews (grupos de *Break*). Tais competições são gerenciadas por regras criadas pelos próprios jovens, onde existe a delimitação do tempo e espaço, que definem o momento e o território de cada grupo. Sousa (2011), assim nos explica o sentido semântico do termo batalha:

No cerne do vocabulário “batalha”, encontra-se a ideia de empreender esforços para vencer adversidades, resolver problemas, criar saídas. A noção de batalha cria um campo semântico no qual figuram as acepções de colisão, conflito, peleja, contenda, duelo, encontro, ataque, vitória, derrota, morte e vida. As imagens que podem ser construídas a partir daí permitem a associação do conceito às táticas militares e remetem a cenas em que oponentes belicosamente se enfrentem em disputa por algo ou algum bem. (SOUSA, p. 130, 2011.).

Na dança *Break*, as batalhas (fotos 1 e 2) configuram-se em disputas por maneiras diversas de dançar ou gerenciar um passo novo e provocante. Neste sentido as Crews, ensaiam coreografias ritmadas e abusam de piruetas, que fascinam os jurados.



Fotos 1 e 2: 1ª Battle Old Style Crew, promovida pela Crew *Style* do bairro Dirceu I, em Teresina-PI.
Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

A batalha exposta acima concentrou três das quatro vertentes constituintes do Movimento *Hip Hop*: o *Rap*, o *Dj* e, mais especificamente, a prática *Break*, faltando apenas o *Grafite*. Recorremos aos escritos do diário de campo para descrever as observâncias desta batalha.

Estou escrevendo no momento em que está acontecendo à batalha, o que é interessante, pois estou no espaço, vendo e vivenciando este momento com os/as jovens *rappers*, *b'boys* e *b'girls*, e sendo assim, possamos descrever os fatos com maior fidelidade possível. Esta é a primeira Battle Old Style Crew, promovida pela Crew Style do bairro Dirceu I, zona sudeste da cidade de Teresina. A batalha conta com a participação de 16 (dezesseis) Crews, vindas das cidades de Oeiras-PI, Uruçuí-PI, Picos-PI, Teresina-PI, Caxias-MA e São Luís-MA. Cada Crew pagou uma taxa simbólica de inscrição na batalha, no valor de R\$ 50,00. As batalhas acontecem no estilo 5 x 5 (cinco versus cinco), que representam a quantidade de *b'boys* e/ou *b'girls* que podem representar cada Crew. A ordem das batalhas acontece mediante sorteio dos pares de Crews para a competição. Os duelos seguem o estilo mata mata, onde em cada disputa uma Crew elimina a outra. A eliminação acontece por meio dos votos dos jurados, que observam os passos, as coreografias e as danças de cada grupo e assim elegem aquela que, segundo seus requisitos, conseguiram melhor desempenho, passos inusitados e mais aplausos do público. Algo bastante interessante nesta batalha é a presença de uma *b'girl* na banca de jurados, composta por mais dois jurados *b'boys*. A presença feminina também tomando decisões e contribuindo para a sentença final das batalhas. (DIÁRIO DE CAMPO. 09 de março de 2012. 20h32min).

A delimitação do tempo e espaço, que definem o momento e o território de cada grupo. Este espaço é delimitado pelo traçar de uma linha ao chão, que não admite ultrapassagem fora do tempo determinado. Para divulgação das batalhas os jovens produzem cartazes e panfletos, ilustrado a seguir.



Foto 1: Produção de Cartaz, divulgando evento do grupo “Afro Soul”¹¹.
Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras.

A presença de juízes que conhecem a essência dos movimentos de dança *Break* e entendem as dinâmicas das danças praticadas. As batalhas sempre se iniciam com a apresentação dos jurados, por meio de danças que especificam suas habilidades (daí está na

¹¹ Afro Soul – Grupo de *Break*, que participou da pesquisa intitulada “Juventudes, Música e Estilo: construção de uma cultura de paz pelos grupos de *Rap* e *Break* em Teresina-PI. A pesquisa, em nível de Iniciação Científica, ocorreu nos anos de 2010 e 2011 e contou com a participação de mais dois grupos: “A Irmandade” e grupo “Relatos Periféricos”, ambos de música *Rap*.

batalha no papel de jurado). As batalhas são compostas de rodadas, cada uma possui um tempo limite para acontecer.

Dentro deste tempo estabelecido, cada grupo possui chances para fazerem movimentos audaciosos, provocando o grupo concorrente e impressionando os jurados. Dentro desta disputa por movimentos novos e inusitados, os jovens criam gestos de provocação e reprovação frente a algumas situações: batem os cotovelos, anunciando que o passo praticado pelo grupo concorrente já havia sido praticado, abrem o punho no alto, para afirmarem que concordam com o movimento que está sendo dançado, tentam aproximação ao grupo concorrente (porém sem toques), numa atitude de provocação.

São simbologias, que se expressam em linguagens e que se manifestam com a prática da dança. Um aspecto importante a destacar nas batalhas, são as premiações, muitas vezes, quantias em dinheiro, que levam os grupos a passarem meses ensaiando, criando passos inusitados, na tentativa do melhor preparação para vencer a batalha. Movimentos comuns em rodas de batalhas de dança *break*: piruetas, pulos, rodar o corpo no chão, exibição dos músculos (como sinônimo de força), o constante pegar na genitália masculina (como sinônimo de poder e masculinidade).

Linguagem, roupas, marcas corporais, danças, criação de regras e um estilo próprio, o fato de andarem e se organizarem em grupos, tudo isso possui uma história. Precisamos, portanto perceber o cotidiano periférico com suas representações como um ambiente carregado de potencialidades. Precisamos ver esse outro conhecimento não institucionalizado, mas que possui finalidades, cujos sentidos e saberes são aprendidos na “carrera” da vida periférica. Tudo isso faz com que os jovens *hiphopianos* se transformem em produtores de outras culturas, protagonizando suas histórias e buscando, através de suas práticas, visibilidade e reconhecimento como sujeitos de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas culturais juvenis são espaços de construção de saberes e socialização. São manifestações que contribuem para o enfrentamento da violência no contexto das comunidades onde vivem seus integrantes para a construção de identidades juvenis positivas, tanto individuais quanto coletivas. Os jovens vêem essas práticas como uma alternativa de lazer, um espaço de reivindicações contra situações de exclusão/injustiça social e de construção de amizades e cumplicidade em seus projetos.

É através da música e da dança, principais produtos culturais consumidos pelos jovens *hiphopianos*, que estes atores adquirem autonomia e se tornam protagonistas de suas histórias. Assim, as juventudes pobres e marginalizadas traçam práticas de resistências, para denunciar e protestar as situações de exclusão e injustiça social, a que são submetidos. Por meio da dança os jovens ganham espaço, visibilidade e tecem experiências, que somadas ao contexto e as especificidades de cada um, constroem suas múltiplas identidades.

Compreender e reconhecer estas atuações juvenis como construtoras de saberes é deixar-se contaminar por outra cultura, outra ideologia e novos costumes. Valorizar a diversidade cultural significa saber conviver com as diferenças, significa entendermos que não existe raça, crença, costumes, ideologias, saberes, inferiores ou superiores. Significa construirmos um mundo mais igualitário e justo, onde cada contexto possui sua importância e papel.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Sulamita (Org.) *Sociologia da Juventude III: a vida coletiva juvenil*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

DAYRELL, Juarez. **A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Trad. José Carlos Eufrázio^{7ª} ed. São Paulo: Cortez; Brasília – DF, 2012.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

SOUSA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP HOP**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. (orgs.). **Redes culturais, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.